INTRODUÇÃO À ANTROPOLOGIA CULTURAL

A construção da Antropologia como campo científico, seu objeto e suas abordagens nas ciências humanas.

Profa. Mirian Goldenberg

1. Itens iniciais

Propósito

Compreender a construção da Antropologia como área e a cultura como seu objeto principal, identificando o percurso histórico e as teorias cunhadas nesse campo científico. Conhecer uma abordagem antropológica aplicada à cultura brasileira contemporânea.

Objetivos

- Identificar o percurso histórico da construção da Antropologia como campo científico, destacando a importância de alguns teóricos
- Caracterizar correntes teóricas da Antropologia durante o século XX
- Analisar, a partir de um olhar antropológico, a cultura brasileira contemporânea por meio do estudo de caso do corpo e da convivência conjugal

Introdução

O que é Antropologia?

De uma forma bem simples, podemos dizer que Antropologia é a ciência cuja finalidade é, por meio do método comparativo, descrever e analisar as características culturais do homem. A Antropologia, portanto, estuda a **cultura**.

Mas, afinal, o que é a cultura, objeto privilegiado da ciência antropológica?

Existem incontáveis definições de cultura, mas aqui adotaremos uma bem ampla e compreensível para todos.

A cultura é uma lente através da qual se vê o mundo. As pessoas não sobrevivem simplesmente. Elas sobrevivem de uma maneira específica, de acordo com a cultura em que vivem.

A cultura é um complexo de padrões de linguagem, costumes, comportamentos, crenças, instituições e outros valores simbólicos e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade.

Pode ser simbolizada como um mapa, um receituário, um código segundo o qual os nativos de um grupo social pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmos. É justamente porque compartilham de parcelas importantes desse código, que um conjunto de seres humanos com interesses e capacidades distintas e até mesmo opostas transformam-se em um grupo e podem viver juntos, sentindo-se parte de uma mesma totalidade.

Vamos entender os caminhos que a ciência antropológica percorreu e desenvolveu para compreender a cultura.

Fala, mestre!

Os desafios das diferenças culturais

O vídeo aborda a experiência de um treinador de futebol em diferentes culturas, enfatizando a importância de adaptar-se e entender as particularidades culturais de cada região. Ele relata seus desafios no Japão, ensinando a importância da criatividade e da iniciativa para os jogadores, e no Iraque durante o Ramadã, onde teve que lidar com jogadores que não se alimentavam durante o dia. O treinador destaca a necessidade de sensibilidade e flexibilidade para ganhar a confiança dos jogadores e alcançar bons resultados no futebol.

Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

A Antropologia e o trabalho de campo

No final do século XIX e início do século XX, os estudos dos antropólogos nas chamadas sociedades “primitivas” foram determinantes para o desenvolvimento das técnicas de pesquisa que permitem recolher diretamente observações e informações sobre a cultura nativa. Esses sujeitos, também conhecidos como antropólogos de gabinete, pensavam o mundo pelo olhar de suas sociedades, como algo estranho.

As sociedades estudadas diretamente por esses antropólogos eram sociedades sem escrita, longínquas, isoladas, de pequenas dimensões, com reduzida especialização das atividades sociais, sendo classificadas como “simples” ou “primitivas” em contraste com a organização “complexa” das sociedades dos pesquisadores.

Foram os trabalhos de campo de Franz Boas (1858-1942) entre 1883 e 1902 e, particularmente, a expedição de Bronislaw Malinowski (1884-1942) às ilhas Trobriand, que consagraram a ideia de que os antropólogos deveriam passar um longo período na sociedade que estivessem estudando para encontrar e interpretar seus próprios dados, em vez de depender dos relatos dos viajantes, como faziam os “antropólogos de gabinete”.

Franz Boas

Antropólogo americano que inaugura a construção do entendimento da cultura do outro e seu espelho para quem analisa.

Bronislaw Malinowski

Antropólogo polonês radicado em Londres que fundamenta a atuação do antropólogo atuando no campo.

Nos primeiros trinta anos do século XX, o trabalho de campo passou a orientar as pesquisas antropológicas. Franz Boas, um geógrafo de formação, crítico radical dos antropólogos evolucionistas, ensinou que no campo tudo deveria ser anotado meticulosamente e que um costume só tem significado se estiver relacionado ao seu contexto particular. Ensinou também que, no "**relativismo cultural**", o pesquisador deveria estudar as culturas com um mínimo de preconceitos etnocêntricos.

Para Boas, o que constitui o "gênio próprio" de um povo é o que se dá nas experiências individuais e, portanto, o objetivo do pesquisador é compreender a vida do indivíduo dentro da própria sociedade em que vive.

Saiba mais

Boas foi o grande mestre da antropologia americana na primeira metade do século XX. Formou uma geração de antropólogos, como Ralph Linton, Ruth Benedict e Margaret Mead, considerados representantes da antropologia cultural americana, caracterizada por métodos e técnicas de pesquisa qualitativa somados a modelos conceituais próximos da Psicologia e da Psicanálise.

A primeira experiência de campo de Malinowski foi em 1914, entre os mailu na Melanésia. Impedido de voltar à Inglaterra no início da Primeira Guerra Mundial, ele começou sua pesquisa nas ilhas Trobriand, de 1915 a 1916, retornando em 1917 para uma estada de mais um ano.

Essa longa convivência com os nativos teve uma influência decisiva na inovação do método de pesquisa antropológica. *Os argonautas do Pacífico Ocidental*, publicado em 1922, é um verdadeiro tratado sobre o trabalho de campo.

Malinowski com os nativos nas ilhas Trobriand, London School of Economics Library Collections, 1918.

A convivência íntima com os nativos passou a ser considerada o melhor instrumento de que o antropólogo dispunha para compreender “de dentro” o significado das lógicas particulares características de cada cultura. Malinowski demonstrou que o comportamento nativo não é irracional, mas se explica por uma lógica própria que precisa ser descoberta pelo pesquisador. Colocou em prática a observação participante, criando um modelo do que deve ser o trabalho de campo:

O pesquisador, por meio de uma estada de longa duração, deve mergulhar profundamente na cultura nativa, impregnando-se da mentalidade nativa. Deve viver, falar, pensar e sentir como os nativos.

Malinowski é considerado o pai do **funcionalismo**, pois acreditava que cada cultura tem como função a satisfação das necessidades básicas dos indivíduos que a compõem, criando instituições capazes de responder a essas necessidades. A conduta de observação etnográfica, assim como a apresentação dos resultados sob a forma monográfica, obedece aos pressupostos do método funcional.

Saiba mais

A **análise funcional** consiste em analisar todo fato social do ponto de vista das relações de interdependência que ele mantém, sincronicamente, com outros fatos sociais no interior de uma totalidade.

Grande parte da renovação das ciências sociais se deve às influências diretas ou indiretas dos métodos de pesquisa de Malinowski. Os argonautas do Pacífico Ocidental, uma obra seminal, provocou uma verdadeira ruptura metodológica na Antropologia, priorizando a observação direta e a experiência pessoal do pesquisador no campo.

Malinowski sugeriu três questões para o trabalho de campo:

- O que os nativos dizem sobre o que fazem? (os discursos)
- O que realmente fazem? (os comportamentos e as práticas)
- O que pensam a respeito do que fazem? (os valores e os pensamentos)

Por meio do contato íntimo com a vida nativa, exaustivamente registrado no diário de campo, Malinowski buscou as respostas para essas questões preocupando-se em compreender o ponto de vista nativo.

A Antropologia seria, portanto, **o estudo segundo o qual, compreendendo melhor as chamadas sociedades "primitivas", poderíamos chegar a compreender melhor a nós mesmos.** A rica experiência de campo de Malinowski, assim como suas propostas metodológicas, influenciou decisivamente a aplicação de técnicas e métodos de pesquisa qualitativa na Antropologia e nas ciências sociais.

Bronislaw Malinowski e sua importância para a antropologia

Vamos assistir ao vídeo em que a professora Miriam Goldenberg, autora de diversos livros de Antropologia, explica um pouco mais sobre isso.

Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

A antropologia das sociedades complexas

Na década de 1970, surge nos Estados Unidos, inspirada na ideia **weberiana** de que a observação dos fatos sociais deve levar à compreensão (e não a um conjunto de leis), a **antropologia interpretativa**.

Weberiana

Weber (1864-1920) foi um intelectual alemão que figura entre os fundadores da Sociologia. Seu trabalho abordou particularmente a relação entre capitalismo, protestantismo e burocracia, sendo a obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, de 1904, um livro seminal para as ciências sociais.

Um dos principais representantes da abordagem interpretativa é Clifford Geertz, que propôs um modelo de análise cultural **hermenêutico**:

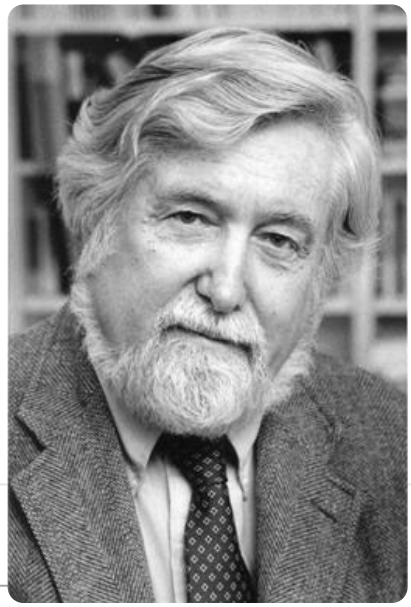
Hermenêutico

Hermenêutica é a filosofia que estuda a interpretação dos textos.

Fonte: dicio

O antropólogo deve fazer uma descrição em profundidade (“descrição densa”) das culturas como “textos” vividos, como “teias de significados” que devem ser interpretados.

De acordo com Geertz os “textos” antropológicos são interpretações sobre as interpretações nativas, já que os nativos produzem interpretações de sua própria experiência. Tais textos são “construídos” – não falsos ou inventados.



Essa perspectiva se traduz em um permanente questionamento do antropólogo a respeito dos limites de sua capacidade de conhecer o grupo que estuda e na necessidade de expor, em seu texto, suas dúvidas, perplexidades e os caminhos que levaram à sua interpretação, percebida sempre como parcial e provisória. Geertz inspirou a chamada:

Antropologia reflexiva

Conhecida também como **pós-interpretativa**, ela propõe uma autorreflexão a respeito do trabalho de campo nos seus aspectos morais e epistemológicos. Essa antropologia questiona a autoridade do texto antropológico e propõe que o resultado da pesquisa não seja fruto da observação pura e simples, mas de um diálogo e de uma negociação de pontos de vista entre pesquisador e pesquisados.

Um elemento importante para o desenvolvimento da pesquisa antropológica nas sociedades complexas foi a chamada:

Escola de Chicago

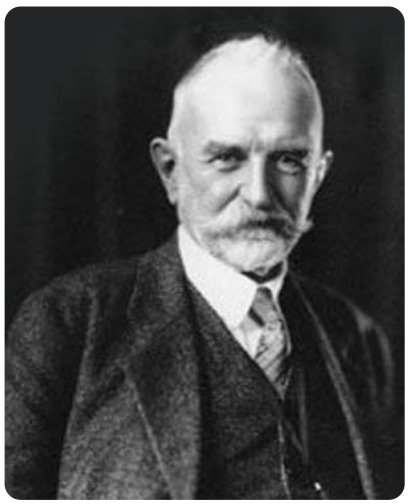
Em 1930, o termo Escola de Chicago foi utilizado pela primeira vez por Luther Bernard, em *Schools of Sociology*. Por esse termo, designa-se um conjunto de pesquisas realizadas, a partir da perspectiva interacionista, particularmente depois de 1915 na cidade de Chicago. Um de seus traços marcantes é a orientação multidisciplinar, envolvendo, principalmente, a Sociologia, a Antropologia, a Ciência Política, a Psicologia e a Filosofia.

A Universidade de Chicago surgiu em 1892 e, em 1910, o seu departamento de Sociologia e Antropologia tornou-se o principal centro de estudos e de pesquisas sociológicas dos EUA. O departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade de Chicago esteve unido até 1929, o que sugere que as pesquisas etnográficas contribuíram para dar legitimidade às técnicas e aos métodos qualitativos na pesquisa sociológica em grandes centros urbanos, o que viria a se tornar dominante nos EUA, e a sociologia qualitativa.

Já desde o final do século XIX, o **interacionismo simbólico** exercia uma profunda influência sobre a sociologia de Chicago pela presença de George Herbert Mead e do filósofo americano John Dewey, o qual lecionou em Chicago de 1894 até 1904 e trouxe para o interacionismo o **pragmatismo**, uma filosofia de intervenção social que postula que o pesquisador deve estar envolvido com a vida de sua cidade e se interessar por sua transformação social.

Mead, considerado o arquiteto da perspectiva interacionista, lecionou na Universidade de Chicago até 1931. Sua perspectiva teórica, fortemente marcada pela influência da psicologia social e de Georg Simmel, que trouxe para a Sociologia a filosofia de Kant, é apresentada em *Mente, Self e Sociedade*, de 1934.

Para Mead, a associação humana surge apenas quando cada indivíduo percebe a intenção dos atos dos outros e, então, constrói sua própria resposta em função dela. As intenções são transmitidas por meio de gestos que se tornam simbólicos, ou seja, passíveis de serem interpretados.



A sociedade humana se funda em sentidos compartilhados sob a forma de compreensões e expectativas comuns. O componente significativo de um ato acontece por meio do ***role-taking:*** **o indivíduo deve se colocar no lugar de outro (a teroria do *role-taking*** trata da capacidade do indivíduo de coordenar múltiplos pontos de vista em meio à comunicação social (CHAPUT, 2008). Ao afirmar que o indivíduo possui um *self (* representa o outro incorporado ao indivíduo. É formado por meio das definições feitas por outros que servirão de referencial para que o indivíduo possa ver a si mesmo), Mead enfatiza que, da mesma forma que interage socialmente com outros indivíduos, ele interage consigo mesmo.

Enfatizando a natureza simbólica da vida social, Mead aponta que são as atividades interativas dos indivíduos que produzem as significações sociais.

Atenção

Uma consequência importante disso é que o pesquisador só pode ter acesso a esses fenômenos particulares, que são as produções sociais significantes dos indivíduos, quando participa do mundo que se propõe a estudar.

O interacionismo simbólico, ao contrário da concepção **durkheimiana**, que defende que as manifestações subjetivas não pertencem ao domínio da Sociologia, afirma ser a concepção que os indivíduos têm do mundo social o que constitui o objeto essencial da pesquisa sociológica.

Interacionismo simbólico x Teoria dos fatos sociais

Durkheimiana

Émile Durkheim (1858-1917) foi um sociólogo francês considerado um dos fundadores da Sociologia como ciência. Suas análises resultaram numa abordagem que ficou conhecida como "**A teoria dos fatos sociais**", a qual entende que um conjunto de formas de agir marcam as sociedades como leis gerais. Sua obra mais conhecida é *Da Divisão do Trabalho Social*, de 1893.

Estruturalismo e olhar de Lévi-Strauss

Claude Lévi-Strauss, UNESCO/Michel Ravassard, 2005.

Sobre os primeiros autores a debaterem e geraram importantes avanços no campo da antropologia cultural, não poderíamos deixar de citar o francês Lévi-Strauss. O olhar do antropólogo dialoga com a construção de novas dinâmicas sociais.

Enquanto os principais debates buscavam compreender o papel dos códigos culturais ou suas dinâmicas de compreensão, Strauss vai no sentido de reaproximá-lo da Sociologia; não à toa o autor é classificado como **inaugurador ou principal nome da antropologia estrutural**.

Toda sociedade é composta por “prédios”, composições próprias e singulares. O olhar de Lévi-Strauss, mais do que perceber o papel da cultura, percebe a cultura como um elemento imerso na estrutura, sendo ora interpretativo, ora representativo ou ainda legitimador de determinados fenômenos sociais. A tensão entre a proposta da antropologia estrutural e da antropologia cultural reside no entendimento da relação entre natureza e cultura.

Enquanto no cerne do estruturalismo a solidez de reproduções e as marcas do meio criam condições, no simbolismo representativo da cultura ela é construída e composta pelos "acordos" e "trocas" entre os sujeitos. Strauss propõe não apenas uma diferenciação entre os processos, mas sim uma inerente relação.

Natureza + Cultura

Atenção

Lévi-Strauss insistia em demonstrar o **peso inerente da natureza**, mas de forma alguma a automatização de suas interpretações. O fenômeno natural pode ser o mesmo, e a interpretação e a instrumentalização serem completamente diversas. Ou seja, simultaneamente, mesmo percepções de regramentos aparentemente universais podem ter sínteses originárias da passagem da natureza para cultura e por isso terem um processo “natural” de interpretação (ainda que não mandatório). Isso é recorrente por ser da espécie humana, mas só se torna cultura porque **se expressa numa norma, variável em suas formulações, mas não no seu princípio.**

Para Lévi-Strauss, essa é a base da própria ideia de vida social, e exemplifica com a **proibição do incesto**, que marca uma obrigação da troca das mulheres e expressa **a passagem do fato natural da consanguinidade para o fato cultural da aliança** (DESCOLA, 2011).

Resumindo

Qual a síntese do debate que aprendemos até aqui?

Cultura é parte importante de sociedades humanas. Sempre foi objeto de interesse das pessoas, no entanto, a partir do século XX, ela passou por um processo de organização como campo de pesquisa e conhecimento. Esse processo gerou debate de autores, ajudando-nos a perceber que lidar com cultura, antropologia e sociedade não tem nada de fácil ou automático.

Verificando o aprendizado

Questão 1

Qual foi a maior contribuição de Malinowski para a Antropologia?

A Provar que as pesquisas quantitativas estavam erradas.

B Mostrar a importância do trabalho de campo.

C Revelar que as sociedades ocidentais são superiores.

D Demonstrar a inferioridade dos povos primitivos.

E Generalizar as diferenças culturais.

A alternativa B está correta.

A experiência de campo de **Malinowski** entre os mailu na Melanésia e a longa convivência com os nativos influenciou o método de pesquisa antropológica e passou a ser considerada a melhor abordagem para o antropólogo: compreender “de dentro”.

Questão 2

Dentre as alternativas abaixo, marque verdadeiro (v) ou falso (f) sobre a abordagem interpretativa:( ) Clifford Geertz é um dos principais expoentes da abordagem interpretativa e cunhou um modelo antropológico baseado na descrição em profundidade das culturas, como uma “descrição densa”.( ) Para Geertz, os “textos” eram somente as interpretações produzidas pelos os nativos.( ) Geertz inspirou a teoria da antropologia reflexiva.Assinale:

A F- V - V

B V- F- F

C F - F- V

D V- V- F

E V- F - V

A alternativa E está correta.

Geertz é um dos principais representantes da corrente interpretativa. Sua abordagem considera que os textos antropológicos são aqueles produzidos pelos antropólogos a respeito das comunidades, visto que os nativos já produzem interpretações sobre sua cultura. Esses textos não são “ficções”, mas sim construções da cultura. Geertz inspirou a chamada antropologia reflexiva, também chamada de pós-interpretativa.

Fala, mestre!

Breve antropologia do futebol

O vídeo aborda a complexidade das discussões e tensões políticas dentro da sociedade e como isso se reflete no futebol. Destaca que a sociedade vivência um período de grande antagonismo, o que é visto como positivo, pois indica que as pessoas estão dispostas a dialogar sobre suas diferenças. Faz uma analogia com a torcida do Vasco da Gama, que tem uma história marcada tanto por progressismo quanto por fases de status quo. Menciona a importância de entender e lidar com essas divergências de maneira democrática e transparente. O vídeo também toca no modelo de Sociedade Anônima do Futebol (SAF) como uma tentativa de quebrar o patrimonialismo e promover uma gestão mais clara entre o público e o privado. Conclui criticando atitudes violentas entre torcedores que prejudicam a imagem dos clubes e impactam negativamente patrocinadores e marcas associadas ao futebol.

Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Os dois lados do futebol

No vídeo, é discutido como a sociedade brasileira está engajada em debates internos, comparando o momento atual a um casal que anteriormente não conseguia dialogar. A conversa aborda tanto a importância de um conservadorismo de costumes quanto o progressismo, e como esses debates precisam ser integrados de forma democrática. Utilizando o exemplo do Vasco da Gama, o vídeo explora as complexidades do futebol, destacando momentos progressistas e também de conservadorismo e falta de transparência. A discussão sugere que a ligação emocional das pessoas com seus clubes muitas vezes leva a reações extremas e destaca a importância de melhorar essas dinâmicas com a introdução de modelos de gestão mais transparentes e profissionais, como as Sociedades Anônimas do Futebol (SAFs). O vídeo conclui com a reflexão sobre o impacto das ações dos torcedores nas mídias sociais, especialmente em termos de violência, sobre a imagem dos clubes e suas relações com patrocinadores.

Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Contextualizando

Para abrir o módulo, vamos recuperar algumas ideias que perpassaram o que vimos até aqui. Afinal, essas ideias são importantes para não perdermos de vista alguns conceitos-chaves que trataremos mais daqui por diante:

Etnocentrismo

Quando acreditamos que existe uma forma correta, uma cultura correta, baseada em nossas experiências e todas as outras ou são “estranhas” ou “erradas”.

Relativismo

Quando buscamos entender a formulação de uma outra lógica, ou outra cultura, entendendo que podem adotar referenciais diferentes. Isso, no entanto, não deve servir para apagar qualquer comportamento.

O campo científico da antropologia

Vamos assistir ao vídeo em que a professora Miriam Goldenberg, autora de diversos livros de Antropologia, explica um pouco mais sobre isso.

Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

O interacionismo simbólico: os problemas sociais e a antropologia urbana

O interacionismo simbólico destaca a importância do **indivíduo como intérprete do mundo que o cerca** e, consequentemente, desenvolve métodos de pesquisa que priorizam os pontos de vista dos indivíduos com o propósito de compreender as significações que os próprios indivíduos põem em prática para construir seu mundo social.

Moradias precárias em Chicago, University of Illinois at Chicago (Jane Addams Memorial Collection, JAMC neg. 1054),1910.

Como a realidade social só aparece sob a forma de como os indivíduos veem este mundo, o meio mais adequado para captar a realidade é aquele que propicia ao pesquisador ver o mundo “através dos olhos dos pesquisados”.

A pesquisa da Escola de Chicago tem a marca do desejo de produzir conhecimentos úteis para a solução de problemas sociais concretos que enfrentava a cidade de Chicago.

Grande parte de seus estudos refere-se aos problemas da imigração e da integração dos imigrantes à sociedade americana, bem como delinquência, criminalidade, desemprego, pobreza, minorias e relações raciais.

Al Capone, famoso gângster de Chicago, United States Bureau of Prisons, 1931.

Devido à sua forte preocupação empírica, uma das contribuições mais importantes da Escola de Chicago foi o desenvolvimento de métodos originais de pesquisa qualitativa: a utilização científica de documentos pessoais, como cartas e diários íntimos, a exploração de diversas fontes documentais e o desenvolvimento do trabalho de campo sistemático na cidade – antropologia urbana.

Exemplo

O estudo de W. I. Thomas e F. Znaniecki sobre a vida social dos camponeses poloneses nos EUA é um ótimo exemplo da sociologia praticada pela Escola de Chicago. *O camponês polonês na Europa e na América*, 1918-1920, é um estudo da imigração de camponeses poloneses e dos seus problemas de assimilação nos EUA. Os dois pesquisadores reuniram dados coletados na Polônia e nos Estados Unidos: artigos de jornais diários, arquivos de tribunais e de associações americano-polonesas, fichários de associações de assistência social, cartas trocadas entre famílias que viviam nos Estados Unidos e na Polônia, além do longo relato autobiográfico de um imigrante polonês.

Thomas e Znaniecki dedicaram todo um volume da obra a uma autobiografia escrita por um imigrante polonês em Chicago. Essa autobiografia foi cotejada com outras fontes, como cartas familiares, jornais diários e arquivos. Aplicando um dos princípios do interacionismo simbólico, os dois pesquisadores acreditavam que por meio do registro da vida de um imigrante poderiam penetrar e **compreender "por dentro"** o seu mundo.

Grande parte da produção da Escola de Chicago foi orientada por Robert Park, que, antes de se tornar professor de Sociologia em Chicago de 1914 a 1933, foi jornalista durante vários anos, atividade que influenciou seus métodos de pesquisa e de seus discípulos. Park considerava a cidade como o laboratório de pesquisas sociológicas por excelência.

Cinturão Negro em Chicago, Russell Lee, 1941.

Muitas pesquisas de Chicago voltaram-se para um problema candente nos EUA: **os conflitos étnicos e as tensões raciais**. Pesquisas sobre as comunidades de imigrantes, sobre os conflitos raciais entre brancos e negros, sobre criminalidade, desvio e delinquência juvenil, tornaram a sociologia de Chicago famosa em todo o mundo.

Vamos a alguns exemplos de pesquisa e que mudam o campo da Antropologia com o seu olhar para as novas relações humanas.

Frederic Thrasher

Sociólogo americano, membro da Escola de Chicago, que inaugura uma nova linha de objetos antropológicos pensando em algo muito perto de seu cotidiano. Publicou, em 1923, sua tese de doutorado sobre as gangues de Chicago.

John Landesco

Sociólogo americano que continua a apropriar os olhares trabalhados com um forte destaque para a metodologia a ser desenvolvida e que muda a história da Ciência. Publicou, em 1929, uma obra com vasta pesquisa sobre a criminalidade de Chicago a partir de histórias de vida de gângsteres.

Clifford Shaw

Uma das obras mais famosas da Escola de Chicago, *The Jack-Roller: A delinquent boy's own story (*O Jack-Roller: um garoto delinquente e sua história), publicada em 1930, é baseada na história de vida de um jovem delinquente de dezesseis anos, Stanley, que Clifford Shaw acompanhou durante seis anos, dentro e fora da prisão. Logo depois, em 1931, Shaw publicou *The natural history of a delinquent career (*A história natural da carreira de um delinquente), sobre um adolescente acusado de estupro.

Edwin Sutherland

Em 1937, Edwin Sutherland publicou um estudo, baseado no relato autobiográfico de um ladrão profissional, sobre sua vida cotidiana e suas diferentes práticas (roubo, estelionato, fraude, extorsão etc.).

Esses estudos demonstram a preocupação dos pesquisadores de Chicago em **analisar os graves problemas enfrentados pela cidade** a partir do **ponto de vista dos indivíduos**, que são vistos socialmente como os principais responsáveis.

A pesquisa quantitativa e a Escola de Chicago

O camponês polonês na Europa e na América, 1918-1920, inaugurou o período mais expressivo da sociologia qualitativa de Chicago, que, em 1949, com a publicação de *The american soldier (*o soldado americano), de Samuel Stouffer, deu lugar a um período de crescente utilização de **técnicas de pesquisa quantitativa na sociologia** norte-americana. Stouffer, desde 1930, defendia a estatística como um método de pesquisa mais eficaz e mais científico do que a história de vida ou o estudo de caso.

Apesar da importância e originalidade das pesquisas qualitativas da Escola de Chicago, não se pode deixar de lado suas pesquisas quantitativas. Em 1929, Shaw e outros pesquisadores publicaram uma obra sobre a delinquência urbana em que recensearam cerca de 60 mil domicílios de “vagabundos, criminosos e delinquentes” de Chicago para demonstrar as taxas de criminalidade em diferentes bairros.

E. Burgess, um dos nomes mais representativos da Escola de Chicago, apontava, em 1927, que os métodos da estatística e dos estudos de caso não são conflitivos, mas mutuamente complementares, e que a interação dos dois métodos poderia ser muito fecunda. Afirmava que as comparações estatísticas poderiam sugerir pistas para a pesquisa feita com estudos de caso, e que estes poderiam, trazendo à luz os processos sociais, conduzir a indicadores estatísticos mais adequados.

Atenção

É preciso destacar que a sociologia da Escola de Chicago abriu caminhos para a Sociologia como um todo, principalmente no que diz respeito à utilização de métodos e técnicas de pesquisa qualitativa. O trabalho de campo tornou-se uma prática de pesquisa corrente também na Sociologia e não apenas na Antropologia, além de proporcionar vários temas de pesquisa à sociologia contemporânea e desenvolver novas correntes teóricas, como as teorias do rótulo e do desvio.

Dentre os estudos mais representativos dessa corrente estão:

Howard Becker

Outsiders: estudos de sociologia do desvio (1963), sobre músicos profissionais fumantes de maconha, discute os processos pelos quais os desviantes são definidos como tais pela sociedade que os cerca, mais do que pela natureza do ato que praticam.

Erving Goffman

A representação do Eu na vida cotidiana (1959), de Goffman, analisa os “desempenhos teatrais” dos atores sociais em suas ações do dia a dia.

Escola de Chicago e a teoria da ecologia criminal

O desenvolvimento das pesquisas da Escola de Chicago está intimamente ligado ao desenvolvimento demográfico urbano do início do século XX, inicialmente da cidade de Chicago nos EUA, e a problemas sociais criados com a sociedade de consumo e o capitalismo.

Fila de desempregados em frente a um restaurante popular em Chicago, U.S. National Archives and Records Administration, 1931.

Os processos migratórios, as relações raciais, os problemas de classe e miséria e as **demandas disruptivas** já mencionadas caracterizaram-se como objeto principal dessa corrente antropológica. Essencialmente urbana, a Escola de Chicago escolheu **a via criminológica** para abordar a cidade. E é para esse ponto que a maioria das críticas se direcionam.

Demandas disruptivas

Esses aspectos são: a criminalidade, a delinquência juvenil, as gangues, a pobreza e o desemprego, além da formação de guetos – comunidades segregadas.

Comentário

Há de se notar, também, que o Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago recebeu financiamento de magnatas do período, como John Davison Rockefeller, conhecido empresário do petróleo. A Escola de Chicago foi delimitada como um laboratório de pesquisa social que defendia uma ideia de cidade.

Mas que cidade seria essa? E, em especial, a quem servia esse projeto? O direcionamento da pesquisa sobre delinquência e marginalidade que caracteriza a corrente também orientou uma leitura desses grupos sociais que, segundo seus críticos, reforçou a tendência de exclusão e estabeleceu uma teoria que naturaliza a noção de “crime” e “criminalidade”.

Robert Erza Park em *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*, de 1915, analisou a cidade por meio da ideia de **ecologia humana encarada como uma competição pelo espaço**, pela via sociológica, na denominada:

Robert Erza Park, autor desconhecido, séc. XX.

Teoria da Ecologia Criminal

Baseada na ideia de seleção natural de Charles Darwin, entendia que os grupos marginais e o crime seriam resultados da estrutura desorganizada das cidades.

Isso serviu de base para uma metodologia criminológica em que:

- Possibilitava definir as disfunções sociais por uma ideia de “desorganização social”.

- Era aplicável para identificação e sanção aos grupos marginalizados.

A crítica principal à corrente é que sua metodologia de identificação, mapeamento e caracterização desses grupos foi direcionada ao aprofundamento da noção de criminalização e exclusão de grupos sociais dentro das cidades.

Fenomenologia sociológica e a etnometodologia: outras possibilidades

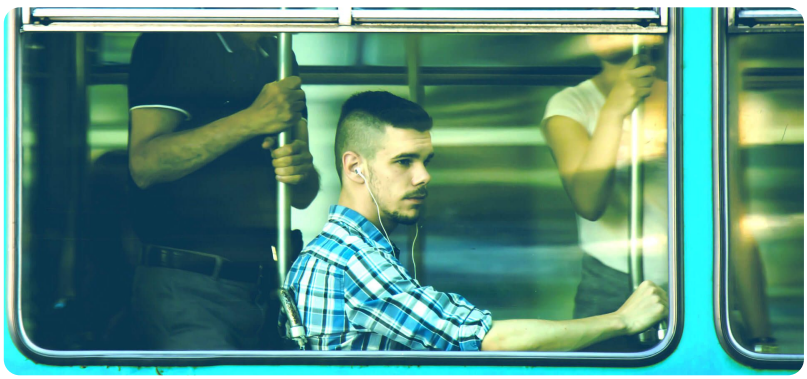
A Escola de Chicago abriu caminho para correntes teóricas que, mesmo não podendo ser diretamente associadas a ela, não deixam de apresentar certa influência de sua abordagem metodológica, como a fenomenologia sociológica e a etnometodologia.

Veja mais sobre elas a seguir:

Fenomenologia sociológica

Busca sua fundamentação na filosofia de Husserl, que faz uma crítica radical ao objetivismo da ciência. Seu argumento é o mesmo de W. Dilthey (Wilhelm Dilthey foi um filósofo alemão caracterizado com a corrente historicista. Uma de suas obras mais conhecidas é *Vida de Schleiermacher*, de 1883, em que advoga pela independência do método para as ciências humanas em distinção às ciências naturais). e Max Weber: os atos sociais envolvem uma propriedade – o significado – que não está presente em outros setores do universo abarcados pelas ciências naturais. Proceder a uma análise fenomenológica é substituir as construções explicativas pela descrição do que se passa efetivamente do ponto de vista daquele que vive a situação concreta.

A fenomenologia quer atingir a essência dos fenômenos, ultrapassando suas aparências imediatas.



O pensamento fenomenológico traz para o campo de estudo da sociedade o mundo da vida cotidiana, em que o homem se situa com suas angústias e preocupações. A etnometodologia apoia-se nos métodos fenomenológicos e hermenêuticos com o objetivo de **compreender o dia a dia do homem comum na sociedade complexa**.

A Sociologia e a Antropologia, ao abandonarem o campo do estranho e seguirem para uma metodologia mais perto das demandas, dos campos, do cotidiano, inaugura desafios intensos.

Harold Garfinkel, americano vinculado à Universidade da Califórnia, inaugura, na academia americana, o debate de etnicidades e a metodologia para estudar etnias. Estabeleceu as bases metodológicas e o quadro conceitual da etnometodologia em *Studies in Ethnomethodology (*Estudos em Etnometodologia), publicado em 1967 nos EUA.

Etnometodologia

A teoria aborda uma forma de compreender a prática artesanal da vida cotidiana, interpretada já numa primeira instância pelos atores sociais. Ela procura descobrir as práticas e representações segundo as quais as pessoas negociam, cotidianamente, a sua inserção nos grupos. A sociologia de Garfinkel repousa sobre o reconhecimento da capacidade reflexiva e interpretativa de todo ator social.

Resumindo

Essas duas escolas, a fenomenologia e a etnometodologia, inserem-se na tradição metodológica qualitativa ao tentar ver o mundo através dos olhos dos atores sociais e dos sentidos que eles atribuem aos objetos e às ações sociais que desenvolvem.

Verificando o aprendizado

Questão 1

Acerca do interacionismo simbólico, analise as alternativas:

1. Analisa somente os problemas sociais pela perspectiva da antropologia urbana.
2. Destaca a importância do indivíduo como intérprete do mundo.
3. Seus métodos visam a compreender as significações que os próprios indivíduos empregam para construir seu mundo social.

Assinale a alternativa correta:

A Somente a sentença I é correta.

B As sentenças I e II são corretas.

C Somente a sentença III é correta.

D As sentenças II e III são corretas

E Somente a sentença II é correta.

A alternativa D está correta.

Na perspectiva do interacionismo simbólico, a realidade social só aparece por meio da maneira que os indivíduos entendem o mundo. Nesse sentido o pesquisador deve empregar uma abordagem “dos olhos dos pesquisados” para analisar sua cultura.

Questão 2

Sobre a Escola de Chicago, seu principal objeto ou abordagem, assinale a alternativa correta.

A A Escola de Chicago concentrou seus estudos na abordagem de campo em sociedades “primitivas”.

B Essa corrente teórica é resultado do êxodo rural europeu.

C Os objetos principais da Escola de Chicago durante o século XX foram os problemas sociais criados pelos processos migratórios, as relações raciais e demandas de classe.

D Os antropólogos vinculados à Escola de Chicago tenderam a uma análise coletivista das comunidades.

E As críticas direcionas a essa corrente teórica foram baseadas em sua abordagem orientada pelo materialismo histórico.

A alternativa C está correta.

A Escola de Chicago privilegiou os problemas sociais resultados do aumento demográfico, demandas da sociedade de consumo e relações de poder e classe. Sua metodologia relacionou tanto a perspectiva quantitativa como qualitativa aplicada à antropologia urbana. As críticas feitas a essa teoria se deram especialmente à abordagem de identificação e mapeamento de elementos marginais e problemas sociais pela perspectiva da criminalidade.

Contextualizando nosso lugar

A Antropologia muda quando entra no campo do capital consolidado, isto é, **a realidade urbana modifica as relações sociais quando o mundo passa a ser entendido como um campo de objetos que podem ser comprados** – inclusive o corpo, seja como força de trabalho ou objeto.

Mais longe, dentro de realidades urbanas, grupos que eram tremendamente limitados a um, dois ou três espaços de interações passam a estar multiplicados de sentidos e meios. Cada um hierarquizado e marcado por novos conjuntos culturais.

Como lidar, como entender mundos e sociedades tão complexas?

Antropologia urbana no Brasil

Vamos ouvir a professora Mirian Goldenberg sobre esses ambientes de abordagem antropológica que conhecemos também como nosso cotidiano, nossas principais relações.

Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Nos dois primeiros módulos, tivemos um intenso processo de busca e entendimento sobre o que é Antropologia, como ela nos ajuda a observar a sociedade em nossas posições. No entanto, devemos ter consciência de que há um lugar, uma sociedade, um conjunto de trocas e dinâmicas sociais que nos marcam.

Não são dinâmicas determinantes, mas aspectos em que estamos imersos de forma tão profunda que simplesmente não conseguimos perceber que as chaves, os debates antropológicos aqui apresentados estão dialogando com a nossa condição de sujeito e os objetos dessa análise somos nós. Para que isso fique mais claro, passamos a pensar sobre olhares da Antropologia brasileira e como ela tem aberto debates fundamentais para você.

Um estudo para compreender a cultura brasileira

A Antropologia no Brasil consolidou-se como campo acadêmico institucionalizado na segunda metade do século XX, embora estudos fundamentais sobre a cultura brasileira já fossem realizados desde as décadas de 1920 e 1930, como os de Gilberto Freyre.

Como exemplo das contribuições para a reflexão de questões essenciais da nossa cultura, vamos focar na **importância do corpo** e **comportamento no Brasil**.

Como afirmou Marcel Mauss (1974), é através da "**imitação prestigiosa**" que os indivíduos de cada cultura constroem seus corpos e comportamentos. Para Mauss:

Imitação prestigiosa

Os indivíduos imitam atos, comportamentos e corpos que obtiveram êxito e poder.

O conjunto de hábitos, costumes, crenças e tradições que caracterizam uma cultura também se refere ao corpo. Assim, há uma construção cultural do corpo, com uma valorização de certos atributos e comportamentos em detrimento de outros, fazendo com que haja um corpo típico para cada sociedade. Esse corpo, que pode variar de acordo com o contexto histórico e cultural, é adquirido pelos membros da sociedade por meio da "imitação prestigiosa".

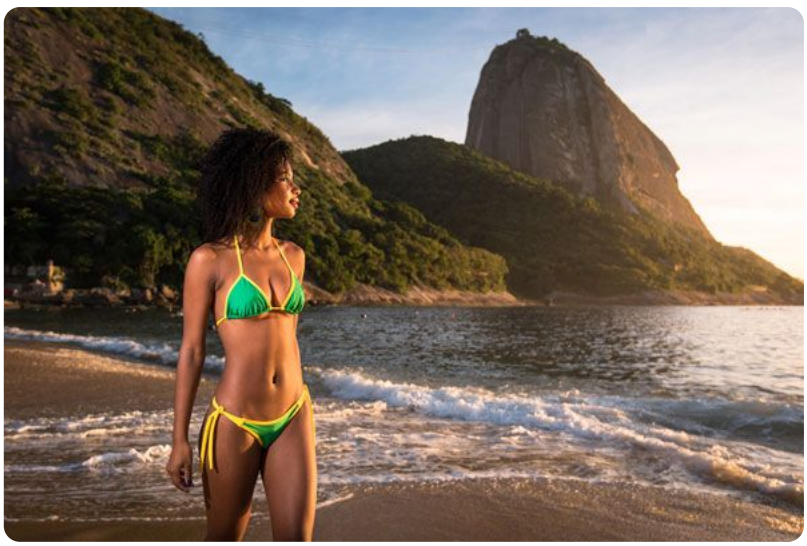
Se o corpo é a imagem da sociedade, que sociedade é essa que está representada nos corpos dos brasileiros?

Qual modelo de corpo tem prestígio em nossa cultura?

Qual é o corpo que é imitado (ou desejado) pelas mulheres e, também, pelos homens?

Em *Nu & Vestido* (2002), Goldenberg reuniu resultados de uma ampla pesquisa realizada com 1.279 moradores da cidade do Rio de Janeiro, analisando seus valores e comportamentos; e analisa os arranjos conjugais em nossa sociedade por meio da categoria de **corpo**.

No Brasil, e mais particularmente no Rio de Janeiro, o corpo trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis (rugas, estrias, celulites, manchas) e sem excessos (gordura, flacidez) é o único que, mesmo sem roupas, está decentemente vestido.



Pode-se pensar, assim, que, além do corpo ser muito mais importante do que a roupa, **ele é a verdadeira roupa**:

É o corpo que deve ser exibido, moldado, manipulado, trabalhado, costurado, enfeitado, escolhido, construído, produzido, imitado. É o corpo que entra e sai da moda. A roupa, nesse caso, é apenas um acessório para a valorização e exposição desse corpo da moda.

Na pesquisa realizada com homens e mulheres das camadas médias cariocas no início do século XXI, ao perguntar:

“O que você mais inveja em uma mulher?”				“O que você mais inveja em um homem?”			
As respostas femininas foram:	A beleza	O corpo	A inteligência	As respostas masculinas foram:	A inteligência	O poder econômico	A beleza	O corpo

Na questão sobre a inveja, é interessante destacar as diferenças de gênero presentes. Parece, para os pesquisados, que é muito melhor ser homem do que ser mulher, pois quando perguntado: “O que você mais inveja em um homem?”

- Grande parte das mulheres respondeu “liberdade” e inúmeras outras características masculinas associadas a um comportamento mais livre do que o feminino.
- Já cerca de 40% dos homens pesquisados disseram não invejar “nada” nas mulheres.
- Os poucos homens que disseram invejar algo apontaram maternidade, capacidade de engravidar e sensibilidade.

Respostas que reafirmam as representações associadas a uma suposta “natureza” masculina e feminina em nossa cultura.

Também com relação à atração entre os sexos, o corpo tem um papel fundamental. Ao perguntar:

“O que mais te atrai em um homem?”				“O que mais te atrai em uma mulher?”			
As respostas femininas foram:	A inteligência	O corpo	O olhar	As respostas masculinas foram:	A beleza	A inteligência	O corpo

Quando a atração é sexual, o corpo ganha um destaque ainda maior. Na pergunta:

“O que mais te atrai sexualmente em um homem?”				“O que mais te atrai sexualmente em uma mulher?”			
As respostas femininas foram:	O tórax	O corpo	As pernas	As respostas masculinas foram:	A bunda	O corpo	Os seios

Só quando proposto aos pesquisados que escrevessem um anúncio com o objetivo de encontrar um parceiro é que esse corpo aparece seguido de alguns adjetivos, como:

- “Bonito”
- “Forte”
- “Definido”
- “Malhado”
- “Trabalhado”
- “Sarado”
- “Saudável”
- “Atlético”

Pode-se resumir os anúncios típicos femininos e masculinos da seguinte maneira:

Anúncio feminino

“Eu sou magra, jovem, cabelos louros, longos e lisos, bunda e seios grandes, linda, sensual e carinhosa.”

Anúncio masculino

“Eu sou alto, forte, bem dotado, rico, inteligente e romântico.”

A “dominação masculina” e a conjugalidade

Em uma pesquisa cujo objetivo principal era compreender a convivência, muitas vezes conflituosa, de novas e tradicionais formas de conjugalidade, é de certa forma surpreendente a centralidade que a categoria corpo adquiriu para determinado segmento social. Tanto nas respostas sobre inveja, admiração e atração, como nas que procuravam um parceiro amoroso, o corpo aparece como um valor fundamental.

Ao responder o que inveja, atrai ou admira, o corpo aparece sem nenhum adjetivo, é simplesmente “O corpo”. Ele só passa a ser adjetivado nas respostas dos anúncios. Só então ficamos sabendo de que tipo de corpo está se falando quando os pesquisados se referem abstratamente ao corpo. Não é um corpo indistinto dado pela natureza, mas trabalhado, paradoxalmente uma “natureza cultivada”, uma cultura tornada natureza.

Segundo Bourdieu (1988), a cultura da beleza e aparência física, a partir de determinadas práticas, transforma o corpo “natural” em um corpo **distintivo**: **O Corpo**.

> **A cultura dita normas em relação ao corpo; normas a que o indivíduo tenderá, à custa de castigos e recompensas, a se conformar, até o ponto de esses padrões de comportamento se lhe apresentarem como tão naturais quanto o desenvolvimento dos seres vivos, a sucessão das estações ou o movimento do nascer e do pôr do sol. Entretanto, mesmo assumindo para nós esse caráter “natural” e “universal”, a mais simples observação em torno de nós poderá demonstrar que o corpo humano como sistema biológico é afetado pela religião, pela ocupação, pelo grupo familiar, pela classe e outros intervenientes sociais e culturais.**
>
> —
>
> (RODRIGUES, 1979)

Desde o início deste século, os dados mostram que a brasileira é campeã na busca de um corpo perfeito.

Exemplo

A revista Time chamou a atenção para esse fato na capa que trouxe Carla Perez com a seguinte legenda: “*The plastic surgery craze: latin american women are sculping their bodies as never before – along California lines. Is this cultural imperialism? (*A mania da cirurgia plástica: as mulheres latino-americanas estão esculpindo seus corpos como nunca - nos moldes da Califórnia. Isso é imperialismo cultural?)”. A Veja confirmou com a capa “De cara nova: com operações mais baratas, alternativas de conserto para quase tudo e grandes médicos em atividade, o Brasil passa a ser o primeiro do mundo em cirurgia plástica”.

Segundo dados da ISAPS (2023), o Brasil lidera o ranking mundial de procedimentos cirúrgicos estéticos, enquanto os EUA lideram o ranking total (incluindo não cirúrgicos).

O que torna o Brasil especial nessa área é o ímpeto com que as pessoas decidem operar-se e a rapidez com que a decisão é tomada. São três as principais motivações para fazer uma plástica:

- Atenuar os efeitos do envelhecimento
- Corrigir aspectos considerados defeitos físicos
- Esculpir um corpo considerado perfeito

No Brasil, esta última motivação é a que mais cresce: **a busca de um corpo perfeito**.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu (1999) criticou a “dominação masculina”, que estipula:

Homens são obrigados a serem fortes, potentes e viris	Mulheres são obrigadas a serem delicadas, submissas, apagadas
Daí a ênfase com que os homens pesquisados falam da altura, da força física, do tamanho do tórax e do pênis.	O que corresponde ao modelo de mulher magra que predomina atualmente.

Uma das causas da anorexia e da bulimia, segundo especialistas, é a “mania de emagrecer”. Por problemas psicológicos, mas também pressionadas pela sociedade, as adolescentes passam dos frequentes regimes alimentares a uma rejeição incontrolável pela comida e a fazer exercícios físicos de forma exagerada, tentando compensar a baixa autoestima.

Atenção

A anorexia parece ter evoluído da condição de patologia para a categoria de “estilo de vida”. Inúmeras páginas pessoais na internet divulgam dicas para aquelas que desejam aderir a um estilo de vida que tem a magreza como modelo a ser seguido.

Bourdieu (1999) afirmou que:

Homens tendem a se mostrar insatisfeitos com as partes de seu corpo que consideram “pequenas demais”.

Mulheres dirigem suas críticas às regiões de seu corpo que lhe parecem “grandes demais”.

Bourdieu acreditava que a dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica:

Elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, como objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam “femininas”, ou seja, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. Nesse caso, ser magra contribui para esta concepção de “ser mulher”.

Sob o olhar dos outros, as mulheres se sentem obrigadas a experimentar constantemente a distância entre o corpo real, a que estão presas, e o corpo ideal, o qual procuram infatigavelmente alcançar.

No entanto, para Bourdieu, a estrutura impõe suas pressões aos dois termos da relação de dominação; portanto, os próprios dominantes são “dominados por sua dominação”, todo homem tem que fazer um esforço, mesmo inconscientemente, para estar à altura de sua ideia de homem.

Exemplo

A preocupação com a altura, força física, potência, poder, virilidade e, particularmente, com o tamanho do pênis, pode ser vista como exemplo dessa dominação que o dominante também sofre.

A febre da “beleza-magreza-juventude” e o caso brasileiro

Gilles Lipovetsky (2000) analisou a febre da **“beleza-magreza-juventude”** que exerce uma “tirania implacável sobre a condição das mulheres”.

> **A obsessão da magreza, a multiplicação dos regimes e das atividades de modelagem do corpo [...] testemunham o poder normalizador dos modelos, um desejo maior de conformidade estética que se choca frontalmente com o ideal individualista e sua exigência de personalização dos sujeitos.**
>
> —
>
> (LIPOVETSKY, 2000)

Lipovetsky acrescentou, ainda, que, de forma contraditória, quanto mais se impõe o ideal de autonomia individual, mais se aumenta a exigência de conformidade aos modelos sociais de corpo.

É interessante a ideia de "**contrários em equilíbrio**" ou "**equilíbrio de antagonismos**" de Gilberto Freyre (2002). O antropólogo dizia que no Brasil encontra-se o equilíbrio entre realidades tradicionais e profundas:

Realidade 1

Sadistas Senhores Dos Indivíduos de cultura predominantemente europeia

Realidade 2

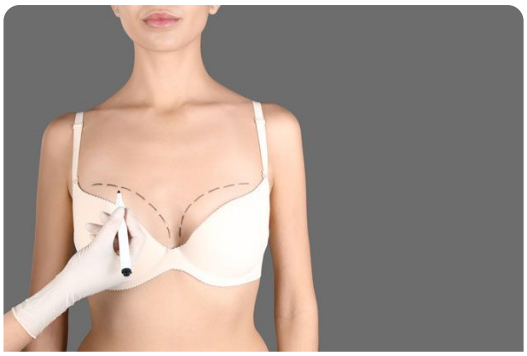
Masoquistas Escravos Outros de cultura principalmente africana e ameríndia

> Talvez em parte alguma [...] se esteja verificando com igual liberdade o encontro, a intercomunicação e até a fusão harmoniosa de tradições diversas, ou antes, antagônicas, de cultura, como no Brasil.
>
> —
>
> (FREYRE, 2002)

Pode-se enxergar melhor o paradoxo apontado por Lipovetsky com a ideia de "contrários em equilíbrio" de Gilberto Freyre. No Brasil, o desenvolvimento do individualismo e a intensificação das pressões sociais das normas do corpo caminham juntas.

Exemplo 1

De um lado, o corpo da brasileira se emancipou amplamente de suas antigas servidões – sexuais, procriadoras ou indumentárias.



Exemplo 2

De outro, encontra-se, atualmente, submetido a coerções estéticas mais regulares, mais imperativas e mais geradoras de ansiedade do que antigamente.

Resumindo

A antropologia, vista de forma aplicada, pode expor possibilidades de diversas de entendimento e reflexão social.

Verificando o aprendizado

Questão 1

Com base no caso apresentado em *Nu & Vestido* (2002), de Goldenberg, analise as alternativas:

1. É correto afirmar que a categoria de corpo utilizado para a análise da cultura brasileira contemporânea é empregada no olhar antropológico da autora sobre as relações conjugais.
2. Homens e mulheres refletem, em suas respostas, elementos da “dominação masculina” de maneira igual.
3. Homens e mulheres são atingidos e buscam uma noção de “corpo perfeito” de maneiras diferentes, mas direcionados pela “dominação masculina”, o que resulta em diferentes maneiras de serem afetados.

Assinale a alternativa correta.

A Somente I e II.

B Somente I e III.

C Apenas III.

D Apenas II e III

E Somente I.

A alternativa B está correta.

Pierre Bourdieu (1999) apontou que as relações entre homens e mulheres estabelecem uma dominação masculina. Mesmo que as mulheres assumam uma posição dominada nas relações de poder, o sociólogo considera que homens também são influenciados por esses papeis sociais. De acordo com Bourdieu, homens criticam seu o corpo as considerando algumas partes “pequenas demais”. Já as mulheres tendem a estar insatisfeitas às regiões de seu corpo que lhe parecem “grandes demais”. Entretanto, nessa relação de dominação, as mulheres assumem uma função de objetos simbólicos, e a ideia de “pequeno demais” se relaciona ao objetivo de colocá-las em permanente estado de dependência simbólica.

Questão 2

Marque verdadeiro (V) ou falso (F) em relação às considerações de Gilles Lipovetsky sobre a febre da “beleza-magreza-juventude” e sua relação com o caso brasileiro.( ) Gilles Lipovetsky aponta que a tendência de valorização do binômio magreza-juventude incide de maneira implacável a mulheres.( ) A obsessão pela a magreza é resultado do poder normalizador dos modelos e vinculado a um desejo de conformidade estética que vai de encontro com o ideal individualista e sua exigência de personalização dos sujeitos.( ) O ideal de autonomia individual não incide sobre a exigência de conformidade aos modelos sociais de corpo.Assinale a opção correta:

A F- V - V

B V- F- F

C F - F- V

D V- V- F

E V- F - V

A alternativa D está correta.

Lipovetsky considera que o ideal de beleza ligado à magreza-juventude atua fortemente sobre as mulheres. E é expressão do paradoxo entre individualidade dos sujeitos e a busca por conformação e normalização dos corpos do período contemporâneo. Essa exigência dos modelos aumenta em relação aos papeis sociais do corpo. A partir da ideia de “contrários em equilíbrio” ou “equilíbrio de antagonismos”, de Gilberto Freyre (2002), é possível considerar que na cultura brasileira vivemos em um dos momentos de maior independência e liberdade femininas, mas que também resulta em um alto grau de controle em relação ao corpo e à aparência.

Considerações finais

O que a Antropologia pode ensinar sobre a nossa cultura?

A Antropologia é de fundamental importância para compreender a cultura em que vivemos e outras culturas diferentes da nossa, sem preconceitos e sem julgamentos, sem a ideia de que uma cultura é superior ou melhor do que a outra. Por meio da observação participante, do método comparativo, de entrevistas em profundidade e de outros métodos e técnicas de pesquisa antropológica podemos fazer um mergulho em profundidade para compreender o mundo nativo.

A Antropologia nos permite compreender o que é **etnocentrismo**, a atitude na qual a visão ou avaliação de um grupo é baseada nos valores adotados pelo seu grupo, como referência, como padrão de valor. Trata-se de uma atitude discriminatória e preconceituosa. **Não existem grupos superiores ou inferiores, mas grupos diferentes.**

A tendência do homem nas sociedades é de repudiar ou negar tudo que lhe é estranho ou não está de acordo com seus costume e hábitos. O estudo da Antropologia ajuda a relativizar os nossos próprios valores, criar o hábito de se colocar no lugar dos outros, de compreender de dentro o mundo nativo. É a postura de "esquecer" a própria cultura, de perceber que ela não é o centro do universo, de entender que cada grupo e indivíduo tem uma cultura própria, diferente da nossa, com comportamentos, valores, crenças e linguagens diferentes.

Como escreveu Malinowski, **a Antropologia é a ciência que pode propiciar uma maior compreensão dos nativos e assim ajudar a compreender melhor a nossa própria cultura.** Neste tema, abordamos a importância de comparar, compreender, observar e relativizar os valores da nossa cultura e aprender a respeitar as diferenças e diversidades culturais que existem no Brasil.

Podcast

Agora com a palavra os professores Miriam Goldenberg e Rodrigo Rainha, relembrando alguns pontos importante sobre a Antropologia cultural. Vamos ouvir!

Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para ouvir o áudio.

Explore+

Algumas sugestões de livros:

- *Antropologia Cultural*, de Franz Boas.

- *Aprender Antropologia*, de Francis Laplantine.

- *Manual de Antropologia Cultural*, de Angel Espina Barrio.

Algumas sugestões de artigos:

- *Ensino de antropologia no Brasil*, de Miriam Pillar Grossi, Antonella Tassinari e Carmen Rial.

- *Mulheres e Envelhecimentos na Cultura Brasileira*, de Mirian Goldenberg.

- *Exu do brasil, tropos de uma identidade afro-brasileira nos trópicos*, de Vagner Gonçalves da Silva.

- A tese de doutorado de Douglas Mansur Silva, cujo nome é *Intelectuais Portugueses Exilados no Brasil. Formação e transferência Cultural, Século XX*.

Sugestões de filmes:

- *O Fim e o Princípio* (2006), direção de Eduardo Coutinho.

- O documentário registra o cotidiano e as histórias dos moradores da pequena São João do Rio do Peixe, na Paraíba. Através de depoimentos, o filme retrata o sentimento de uma população humilde que esbanja alegria e esperança, além de apresentar as nuances de um nordeste de alma densa e fecunda.

- *Dead Birds* (1964), direção de Robert Gardner.

- Documentário de 1964 sobre o povo Dani da Nova Guiné. Weyak e sua família, membros de uma tribo, lutam para sobreviver e proteger seu território ainda não colonizado pelos europeus.

- *Os Mestres Loucos* (1955).

- Curta-metragem de 1955, dirigido por Jean Rouch, um conhecido diretor de cinema e etnólogo francês. É uma docuficção, sua primeira etnoficção, um gênero que ele considera ter criado.

Referências

ALMEIDA, L. O. **A influência dos pressupostos da teoria da ecologia criminal da Escola de Chicago para a elaboração das ações de segurança pública para o Centro Histórico de Salvador**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Direito, Salvador, Bahia. 2013.

BERNARD, L. L. **Schools of Sociology**. *In*: The Southwestern Political and Social Science Quarterly, v. 11, n. 2, p. 117-134. Washington University, 1930.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

CHAPUT, M. **Analyser la discussion politique en ligne**: de l'idéal délibératif à la reconstruction des pratiques argumentatives. In: Réseaux, n. 150, p. 83-106, 2008.

DESCOLA, P. **As duas naturezas de Lévi-Strauss**. *In*: Sociologia & Antropologia, v. 1, n. 2, p. 35-51, 2011.

FREYRE, G. **Casa-grande e senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FREYRE, G. **Modos de homem, modas de mulher**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. *In*: A representação do eu na vida cotidiana. 2011. p. 231-231.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOLDENBERG, M.; RAMOS, M. S. **A civilização das formas**: o corpo como valor. *In*: Nu & Vestido. Rio de Janeiro: Record, 2002.

HERITAGE, J. **Garfinkel and ethnomethodology**. John Wiley & Sons, 2013.

LIPOVETSKY, G. **A terceira mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MALINOWSKI, B. **Argonautas Do Pacífico Ocidental. Um Relato do empreendimento e da aventura aos nativos nos Arquipélagos a Nova Guiné, Melanésia**. Coleção Os Pensadores. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MALINOWSKI, B. **Uma Teoria científica da Cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MAUSS, M. **As técnicas corporais. Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

RODRIGUES, J. C. **Tabu do Corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.